
SUBSÍDIOS PARA UMA DISCUSSÃO SOCIOLÓGICA SOBRE A EVOLUÇÃO DO VOLEIBOL

Wanderley Marchi Júnior

Resumo

Este artigo objetiva relacionar o desenvolvimento do Voleibol e a constituição da cultura de massas no processo de espetacularização dos esportes. Para tanto, utilizamos um exemplo histórico olímpico internacional e os pressupostos analíticos de Edgar MORIN e Geraldo Di GIOVANNI.

Palavras-chave

Voleibol; Cultura de massas; Indústria cultural; Espetacularização do esporte.

Abstract

This article aims to relate Volleyball's development and the constitution of the masses's culture in the sports spetacularization process. For so much, we used an international olympic historical example and analytics presuppositions of Edgar MORIN and Geraldo Di GIOVANNI.

Key-Words

Volleyball; masses's culture; cultural industry; sports's spetacularization.

PROJETANDO O VOLEIBOL DAS DÉCADAS 60 E 70: UM EXEMPLO

Difícilmente encontraremos uma opinião contrária à argumentação de que as décadas de 1960 e 1970 foram marcantes em termos de transformações e transições histórico-sociais no Brasil. Em referência ao esporte, podemos utilizar como um exemplo do supra citado, o apoio governamental aos programas competitivos durante o período da ditadura militar. Neste recorte temporal, internacionalmente falando, o Voleibol apresentou-se como expoente esportivo em termos de evoluções e de novas incursões. Ao inserirmos esta discussão sobre a projeção do Voleibol, nada melhor que iniciarmos com o clássico exemplo do revolucionário Yasutaka MATSUDAIRA¹.

O percurso de MATSUDAIRA inicia-se em 1961 quando a equipe japonesa realiza uma excursão à Europa Oriental pela primeira vez em sua história esportiva. Como o próprio técnico se expressou, o Japão perdeu “miseravelmente” todos os seus 22 jogos, sendo que na maioria das partidas as equipes enfrentadas não eram as seleções nacionais, e sim clubes locais.

Diante destes resultados, nem o mais otimista dos técnicos poderia prever um futuro de conquistas. Assim sendo, iniciou-se uma avaliação dos motivos desencadeadores das derrotas e as diferenças entre o Voleibol europeu e asiático. Neste processo de avaliação foi inserida a análise da importância, da

popularidade, do meio social e dos dirigentes do esporte em cada país. Isto, além da história, cultura social, forma de governo, novas línguas e a situação política dos mesmos. Este trabalho, é claro, foi aliado ao desenvolvimento dos procedimentos técnicos, táticos, físicos e psicológicos.

O passo seguinte foi a efetivação de uma auto-avaliação, que comprovou ser muito difícil vencer as equipes europeias usando métodos comuns de treinamento, tendo para si um handicap desfavorável em estatura e força. Outro desacordo era a realização dos campeonatos da Associação Japonesa de Voleibol com regras distintas dos torneios internacionais. Por exemplo, se permitiam 9 jogadores em cada equipe; a quadra era um pouco maior e a altura da rede era um pouco menor.²

Após os Jogos Olímpicos de Tóquio, especificamente no ano de 1965, foi organizado um plano de trabalho para 8 anos, sendo que o objetivo principal seria a conquista da medalha de ouro em Munique.

¹ MATSUDAIRA, Yasutaka. *Manual del Entrenadores Internacionales – FIVB*. Madri: CIE, 1976. p. 11.1-11.8.

² BAACKE, Horst et al. *Manual do Treinador*. Rio de Janeiro: Palestra, 1971. p. 1.01.

Convicto que em “matéria de organização a crença vem depois dos resultados”, MATSUDAIRA tentou convencer os dirigentes nacionais da pertinência de sua proposta. Relata o técnico que no primeiro ano de trabalho, ele foi ridicularizado de tal forma que chegou a duvidar de sua sanidade mental. A conquista da segunda colocação nas Olimpíadas do México em 1968, garantiu a continuidade do treinamento.

Em suma, MATSUDAIRA acreditava que para se obter os resultados desejados, sua equipe deveria concentrar esforços em torno do desenvolvimento da força física, da técnica e tática, da experiência, do poder mental (perseverança sólida tanto imediata quanto a longo prazo), do trabalho de grupo e da habilidade dos técnicos. Em cima destes aríetes de trabalho e dos conhecimentos acerca das outras equipes internacionais, o técnico traçou o perfil de uma “equipe ideal”, a qual reuniria “a força dos soviéticos, a margem mínima de erros da Alemanha Oriental, a habilidade dos tchecos, a emotividade dos romenos, a velocidade dos coreanos, o trabalho de equipe do Japão, a impulsão dos cubanos e o poderio da Bulgária.”³

Para o desenvolvimento do trabalho, MATSUDAIRA arquitetou novas estratégias táticas e psicológicas em consonância com as características do material humano que lhe era disponibilizado. A base surgiu da aplicação tática, do envolvimento e da credibilidade dos jogadores.

A despeito de sermos basicamente animais, a diferença básica está em podermos lutar por um auto-conhecimento. Como seres humanos devemos aceitar o desafio e criarmos soluções positivas. Os animais nascem com a chance de viver sem nenhuma razão particular. No início da vida os seres humanos vivem do mesmo modo, quando adultos, cada um deve viver sua vida de acordo com sua própria vontade. Conseguir uma vitória no esporte depende de treinamento. Uma pessoa pode hoje fazer uma coisa que ontem seria incapaz de fazer. Entre todas as pessoas que jogam voleyball atualmente, a metade joga como animal e a outra metade como gente. O voleyball quando é imposto a um jogador é praticado como por um animal. Um jogador que participa do voleyball por escolha própria, joga como um ser humano⁴.

Com a seqüência de trabalho, foi introduzido no Japão o revolucionário sistema de ataque combinado com velocidade, o qual não permitia um posicionamento imediato e correto do bloqueio adversário ou a armação da base de sua defesa, culminando assim, com a conquista do almejado ouro olímpico em Munique, 1972 diante da equipe da Alemanha Oriental.

³ MATSUDAIRA, op. cit., p. 11.4.

⁴ Ibid., p. 11.5.

Junto deste exemplo de organização e reestruturação, ficaram algumas lições que se disseminaram pelo mundo todo e, algumas, serviram de norte na elaboração de novos trabalhos. Fruto do êxito desta “revolução” implementada e difundida pelo Voleibol do Japão, podemos destacar um dado que aponta para transformações na modalidade. Neste período, o Voleibol destacou-se pela sua popularidade mundial, tanto entre jogadores quanto entre espectadores. Basta nos reportarmos aos campeonatos internacionais que chegaram a colocar de 30 a 60.000 pessoas em seus ginásios⁵.

Contudo, em meados da década de 70 o quadro indicou uma sensível baixa na popularidade do esporte e, este fato ocorreu devido à algumas características identificadas na prática do Voleibol. A citação do presidente da Comissão de Treinadores da F.I.VB., o professor Horst BAACKE da Alemanha Oriental, pode nos auxiliar no entendimento desta transição.

As regras atuais não promovem adequadamente as competições de recreação popular. De acordo com recentes estatísticas, dão vantagem ao time que está atacando, com uma porcentagem mínima de oportunidade ao time que está defendendo. Aproximadamente, de 45 a 50% (homens) e 40 a 45% (mulheres) dos ataques são bem sucedidos, com aproximadamente 10 a 15% dos ataques resultando em erro direto. No entanto, a oportunidade de defesa (o mais espetacular elemento do volleyball) não é superior a 30% em todo o jogo. Isto significa que, entre 60 a 75% dos pontos são marcados no primeiro ataque, ficando a vantagem com o time atacante. No entanto, usando-se as regras atuais de muitas vantagens, poucos pontos são ganhos por cada equipe, e muito do jogo é pouco interessante, tanto para os jogadores, como para os espectadores. Estatísticas também indicam que é necessário o uso de 3 ou 4 saques para se ganhar cada ponto, com média de 9 segundos de duração para o tempo de bola em jogo. [...] Há uma média de apenas 3 ou 4 contatos com a bola por jogada (“rally”) em cada time, antes da vantagem ou ponto serem marcados. [...] Equipes que se equivalem jogam, frequentemente, durante muito tempo, com apenas vantagens sendo contadas. [...] Esta duração traz dificuldades para os Comitês Organizadores devido à qualidade da partida, quando os times ficam cansados e a competição desencoraja a cobertura pela TV e pelo rádio, devido à não-previsão da duração. A FIVB está estudando vários meios de aumentar o interesse do público pelo volleyball. A Comissão de Regras e Leis de Jogo está estudando uma maneira de equilibrar o ataque e a defesa e também limitar a duração do jogo.⁶

Comprova-se pela citação anterior que um emergente processo de transformações estava sendo desencadeado frente às constatações limitadoras da prática do Voleibol, sejam elas referentes à sua manifestação recreativa popular ou através das pioneiras coberturas midiáticas.

SOBRE A CULTURA DE MASSAS E A ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPORTE

Para melhor entendermos essa transição instaurada na história do Voleibol, destacamos dois autores que levaram à fundo a discussão de determinadas categorias de análise, as quais serão de extrema importância para o entendimento do processo.

⁵ BAACKE, op. cit., p. 1.04.

⁶ Ibid., p.1.04.

Edgar MORIN destaca questões pertinentes em relação à uma leitura sobre a cultura de massas. Seu ponto inicial é direcionado à conquista do tempo do lazer sobre o trabalho⁷. Com base na redução da jornada, conquista-se um tempo livre onde a cultura de massas se estende ao espaço abandonado pelo trabalho, pela festa e pela família. Enfim, essa cultura do lazer moderno abre os horizontes de bem-estar, do consumo e de uma nova vida privada.

É então possível começar a participar da civilização do bem-estar, e essa participação embrionária no consumo significa que o lazer não é mais apenas o vazio do repouso e da recuperação física e nervosa; não é mais a participação coletiva na festa, não é tanto a participação nas atividades familiares produtivas ou acumulativas, é também, progressivamente, a possibilidade de ter uma vida consumidora.⁸

Nesta perspectiva de entendimento da sociedade moderna se estabelece a cultura de massas como um espaço que define a ética do lazer e a afirmação do indivíduo como privado. Observamos pela obra de MORIN, que o jogo e o espetáculo são integrantes mobilizadores do lazer moderno, e isso não tem absolutamente nada de novo, pois tanto os jogos quanto os espetáculos, sempre estiveram presentes nas antigas festas. O que nos é acrescentado nesse quadro, é a composição do sistema econômico advindo de uma mídia que tende a se apropriar do “filão” esporte-espetáculo.

Desta constatação temos que, simultaneamente ao espetáculo, a cultura de massa encampa e desenvolve o jogo de forma a se estabelecer uma dualidade antagônica entre ambos, na qual o espetáculo é uma atividade passiva e o jogo registra um componente ativo.

Segundo MORIN, complexas relações se esboçam entre o lazer, a cultura de massa, os valores privados, o jogo-espetáculo e os “olimpianos modernos”. Essas relações podem ser identificadas no exemplo das organizações que contemplam a “utopia concreta”, ou seja, cria-se um espaço em um determinado momento, onde os modelos ideais construídos pela cultura de massa, mesmo que fragmentaria e temporariamente, se aproximam da aspiração do homem, da sua necessidade privada. Sua personalidade pode ser externada e amparada no imaginário, no sonho.

Em Geraldo DI GIOVANNI⁹ encontramos a discussão sobre a espetacularização do esporte e o seu consumo, a partir de três conceitos que permitem captar a realidade do esporte na sociedade de massas.

⁷ É evidenciado na obra que “a semana de trabalho passa de 70 horas em 1860 para 37 horas em 1960 nos Estados Unidos, de 80-85 horas para 45-48 na França; muitas vezes um dia suplementar de lazer é acrescentado ao domingo.” MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**: neurose. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. p. 67.

⁸ MORIN, op. cit., p. 68-69.

⁹ DI GIOVANNI, Geraldo. Mercantilização das Práticas Corporais: O Esporte na Sociedade de Consumo de Massa. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA (3.: 1995: Curitiba). **Coletânea**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1995, p. 15-22.

São eles, a mercantilização, a individualização e o surgimento de modelos. No decorrer do texto o autor destaca que o esporte, além de ser transformado em espetáculo de massas – fruto de sua inserção no campo dos investimentos econômicos - , invadiu o cotidiano dos homens ocupando-lhe um espaço central, possibilitando assim, a criação de novas necessidades de consumo.

Deste modo tem início o processo de mercantilização dos esportes, que de maneira rasteira pode ser entendido como um processo de constituição dos bens materiais e culturais em mercadorias nas sociedades capitalistas¹⁰. Estas se sustentam pela existência de um background sócio-cultural denominado de “sociedade de consumo de massa”. Também podemos inferir que há valores sociais que são determinantes na orientação das relações que perpassam entre o espetáculo esportivo e as necessidades individuais. Neste sentido, DI GIOVANNI afirma que “nas sociedades capitalistas contemporâneas, o campo de atividade social em que se localizam os valores mais coletivizados, abrangentes e inclusivos, é o campo do consumo”¹¹.

Toda essa lógica de raciocínio traz a baila o seguinte contexto. A ampliação do mercado nas sociedades capitalistas é um dado inquestionável e, por vezes incontrolável. Assim sendo, é compatível com esse crescimento uma demanda pela produção, que invariavelmente, é dinamizada através de uma estratégia de mercado para que ocorra esse “escoamento” produtivo. É daí, por exemplo, que os meios de comunicação ditam quais são as necessidades individuais de determinado momento. Portanto, nos parece ser extremamente pertinente a análise de Ademir GEBARA sobre a espetacularização dos esportes, na qual os mesmos devem “aproveitar a existência tanto deste tempo como de um enorme contingente de praticantes amadores para construir um mercado voltado para grandes públicos com potencial de consumo de imagens espetaculares”¹².

Frente essas considerações, deriva-se uma nova forma de valorização dos esportes que o associa a constituição de um novo mercado consumidor.

PENSANDO EM CONCLUIR...

¹⁰ Sobre o tema, vale conferir o artigo de Sara Quenzer MATTHIESEN, **Um estudo sobre o Voleibol: em busca de elementos para sua compreensão**, publicado na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Santa Maria: RS, vol. 15, nº 2, p. 195-199, jan/abr. 1994.

¹¹ DI GIOVANNI, op. cit., pp. 17-18.

¹² GEBARA, Ademir. O Tempo na Construção do Objeto de Estudo da História do Esporte, do Lazer e da Educação Física. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA (2.: 1994: Ponta Grossa). **Coletânea**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1994, p. 188-189.

Ao levarmos à cabo a história do Voleibol, obviamente encontraremos inúmeros exemplos cabíveis na abordagem utilizada neste artigo. Contudo, optamos pelo exemplo da vitoriosa trajetória do Voleibol japonês na Olimpíada de 1972, pois a mesma apresenta a potencialidade das etapas de desenvolvimento da modalidade, associada ao emergente processo de constituição da cultura de massas e da indústria cultural da década de 1960.

O Voleibol neste período se ressentia do domínio europeu na totalidade das competições internacionais. Eram, principalmente, os países do bloco socialista quem ditavam as melhores e mais adequadas maneiras de se jogar e se estabelecer enquanto potência internacional no cenário voleibolístico. Este dito habitus esportivo, no sentido bourdiano de segunda natureza¹³, não respeitava as características específicas e as peculiaridades de cada nação, ou seja, os demais países envolvidos na apreciação e no aperfeiçoamento do Voleibol, tentavam obstinadamente seguir os passos de outras nações com as quais, minimamente estabeleciam proximidades etno-culturais.

Assim sendo, as dificuldades e as incompatibilidades foram sendo detectadas ao longo deste processo, e podemos identificar como pioneira a iniciativa japonesa ao respeitar as características e as potencialidades de seu povo. Esta “jogada” rendeu ao Voleibol internacional uma espécie de independência, que posteriormente, desembocou na consolidação das propaladas escolas de Voleibol.

Com o exemplo utilizado pudemos notar que o sucesso da empreitada oriental resultou na popularização da modalidade, o que inevitavelmente concretizou uma cultura de massas na prática do Voleibol. Em um curto espaço de tempo, o esporte apresentava indícios para a implementação de uma política esportiva que fosse capaz de abarcar tanto os interesses competitivos-representativos, quanto o voluntarismo com que se apresentavam os cidadãos mais interessados na prática do esporte com características recreacionais.

A conquista da prática e do consumo do esporte passou a ser interpretada como uma vertente da cultura de massas, por nós eleita como **cultura esportiva de massas**. Não tardiamente se efetivou neste percurso uma indústria cultural. A própria paixão que lotava os ginásios de espectadores ávidos por espetáculos esportivos, foi sendo direcionada para um consumismo desenfreado na expectativa de aproximação do espectador-amador ao atleta-profissional. Neste sentido, todo um aparato midiático foi conclamado a ser estruturado com a “inocente” tarefa de proporcionar ao mais simples espectador, as possibilidades de

¹³ Ver BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

entendimento e performance no campo esportivo.

Podemos associar na discussão da cultura esportiva de massas, a perspicaz crítica à indústria cultural traçada por Milton SANTOS, ao destacar que um verdadeiro sistema “caricatural” é desenvolvido com o “bombardeio publicitário”, no qual as manifestações culturais autênticas são desprezadas ou, no limite, postas em segundo plano em nome de uma pretensa globalização ou movimentos cosmopolitas.

Hoje, a indústria cultural aciona estímulos e holofotes deliberadamente vesgos[...]. Por estar umbilicalmente ligada ao mercado, a indústria cultural tende, em nossos dias, a ser cada vez menos local, regional, nacional. Nessas condições, é frequente que as manifestações genuínas da cultura, [...], sejam deixadas de lado como rebotalho ou devam se adaptar a um gosto duvidoso, dito cosmopolita, de forma a atender aos propósitos de lucro dos empresários culturais. Mas cosmopolitismo não é forçosamente universalismo e pode ser apenas servilidade a modelos e modas importados e rentáveis.¹⁴

Abruptamente, se observa um novo refluxo dominador da cultura esportiva, embora que portador de outros rótulos, diferentes dos anteriores. Vislumbram-se estudos estatísticos sobre as características básicas do jogo, suas técnicas, seu tempo de duração e as possíveis alterações nas regras que viabilizem a participação dos mais diferentes perfis etno-culturais e, obviamente, a incursão televisiva no esporte.

Apenas mais um detalhe. Não estamos falando da transmissão dos Jogos Olímpicos de Sidney, nem tão pouco da liberação de venda das cotas da Super-liga nacional de Voleibol para as TVs abertas. Estamos analisando o final dos anos 60 e o início dos 70!!!

Nesta esteira de pensamentos, não percebemos a possibilidade de esgotarmos a discussão. Pelo contrário. Este é apenas o começo de um jogo que provavelmente irá para um quinto set.

Abstract

This article aims to relate Volleyball's development and the constitution of the masses's culture in the sports spectacularization process. For so much, we used an international olympic historical example and analytics presuppositions of Edgar MORIN and Geraldo Di GIOVANNI.

Key words: Volleyball; masses's culture; cultural industry; sports's spectacularization.

¹⁴ SANTOS, Milton. *Da cultura à indústria cultural*. Folha de São Paulo, 19/mar/2000.

REFERÊNCIAS

- BAACKE, H. et al. *Manual do Treinador*. Rio de Janeiro: Palestra, 1971.
- BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- DI GIOVANNI, G. *Mercantilização das Práticas Corporais: O Esporte na Sociedade de Consumo de Massa*. In: III ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA (3.: 1995: Curitiba). Coletânea. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1995.
- GEBARA, A. *O Tempo na Construção do Objeto de Estudo da História do Esporte, do Lazer e da Educação Física*. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA (2.: 1994: Ponta Grossa). Coletânea. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1994.
- MATSUDAIRA, Y. *Manual del Entrenadores Internacionales – FIVB*. Madri: CIE, 1976.
- MATTHIESEN, S. Q. *Um estudo sobre o Voleibol: em busca de elementos para sua compreensão*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Santa Maria – RS, v. 15, n. 2, jan/abr. 1994.
- MORIN, E. *Cultura de Massas no Século XX: neurose*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- SANTOS, M. *Da cultura à indústria cultural*. Folha de São Paulo, 19/mar/2000.

Wanderley Marchi Júnior

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Referência do artigo:

ABNT

MARCHI JUNIOR W. Subsídios para uma discussão sociológica sobre a evolução do voleibol. *Conexões*, v. 0, n. 4, p. 141-150, 2000.

APA

Marchi Junior, W. (2000). Subsídios para uma discussão sociológica sobre a evolução do voleibol. *Conexões*, 0(4), 141-150.

VANCOUVER

Marchi Junior W, Subsídios para uma discussão sociológica sobre a evolução do voleibol. *Conexões*, 2000; 0(4):141-150.